

Diogo da Silva Roiz *
André Dionei Fonseca **

RELIGIÃO E IMPERIALISMO: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O
MARXISMO NA REVISTA LIÇÕES BÍBLICAS DA IGREJA
ASSEMBLÉIA DE DEUS (1980-1990)

Resumo: Poucos estudos em história têm procurado analisar as considerações das lideranças pentecostais sobre as teorias marxistas, o socialismo e o comunismo. Assim, o objetivo desse artigo é analisar através da revista *Lições Bíblicas* a preocupação da Assembléia de Deus Ministério Missão de Belém com o marxismo, num momento em que muitos países ainda estavam ligados ao bloco comunista do Leste Europeu.

Palavras-chave: Marxismo; anticomunismo; representações.

Abstract: Few studies in history have looked for to analyze the considerations of the pentecostals leaderships on the marxist theories, the socialism and the communism. Thus, the objective of this article is to analyze through the “*Lições Bíblicas*” magazine the concern of the Assembly of God Ministry Mission of *Belém* with the marxism, at a moment where many countries still were on to the communist block of the European East.

Keywords: Marxism, anti-communism, representations.

Introdução

No interior do pensamento de esquerda, apresentou-se uma crise ininterrupta sobre a base de seu ‘projeto político’, com a queda do Muro de Berlim em 1989, e com o fim da URSS, no início dos anos de 1990, os reflexos se agravaram ainda mais.¹ Justamente por isso, falar de marxismo hoje, pensamento marxiano, ideologia, classe

* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Amambai.

**Graduado em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Amambai.

¹ ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

social, modo de produção, para alguns é atraso, principalmente, para aqueles que fazem parte da ideologia neoliberal e que criticam todos os tipos de movimentos de esquerda. Mas para uma boa parte de autores ainda é fundamental e deve ser feito, uma vez que a previsão do fim da história² e a efetivação do neoliberalismo como último estágio do processo histórico da humanidade, se mostrou insuficiente à medida que sérios problemas sociais foram ganhando corpo na década de 1990.³

De proporções diferentes, mas não menos importante, são as críticas que se avolumam cada vez mais sobre o Iluminismo e o Positivismo. Num tempo de questionamentos, que se volta sobre todas as heranças intelectuais do passado, nem mesmo o pensamento científico e o pensamento religioso passaram ilesos.

Constituindo-se, desde os séculos XVIII e XIX, nos modelos mais significativos de interpretação das sociedades do passado, o(s) Iluminismo(s), o(s) Positivismo(s) e o(s) Marxismo(s), que almejaram atingir por meio de suas ‘Filosofias da História’ a realização de seus ‘projetos políticos’, revelaram-se, no século XX, sem a mesma força explicativa e sem a mesma capacidade de realização na ‘prática’⁴

E isso, fundamentalmente, porque o projeto de uma sociedade globalizada e harmonizada pelas luzes, no Iluminismo, de uma sociedade humanizada pelo saber científico, no Positivismo, e de uma sociedade justa e sem divisões de classes, no Marxismo, demonstraram-se ineficientes quanto ao próprio movimento histórico que veio a tornar (talvez até) irrealizáveis, na prática, cada um daqueles ‘projetos específicos’. No caso do pensamento religioso, no seu viés Católico, as perspectivas não são diferentes, já que foi o pioneiro na produção daqueles esquemas interpretativos de

² FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

³ Então aí nós temos um campo de disputa que é diferente dos ‘Metódicos’ e da ‘escola dos *Annales*’, que é mais no ‘campo intelectual’ e quando incide na questão política é uma política voltada para a organização e publicação de obras, ocupação de cargos universitários, publicação de artigos, organização de congressos. No caso do marxismo isso se volta mais para o ‘campo político’, em função da tensão entre ‘direita’ e ‘esquerda’. Cf. HOSBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Tradução de Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, SP: EDUSC, 2004. FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Tradução de Antônio Penalves Rocha. Bauru: Edusc, 1998; BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Edunesp, 1997; BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira – 2 edição revista e ampliada – São Paulo: Edunesp, 2001.

⁴ SOUZA, M. G. *Ilustração e História*. O pensamento sobre a história no Iluminismo Francês. SP: discurso Editorial, 2001; KOSELLECK, R. *Crítica e crise: contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto; Eduerj, 1999.

análise dos processos históricos⁵. Em geral os críticos observavam uma ineficiência em suas linhas mestras: a) ao proporem o progresso e a evolução da espécie humana para uma etapa superior; b) ao divulgarem seu moderno conceito de tempo; c) ao expressarem sua crença na cultura e civilização moderna; d) e ao acreditarem na realização de seus ‘projetos políticos’.

Pela ligação direta com o socialismo praticado no leste europeu, dentre todos os modelos acima citados, o marxismo foi o que rendeu maiores debates nas mais diferentes esferas da sociedade brasileira⁶. Marcos Gonçalves demonstra esta prevalência ao afirmar que: “entre as mais criativas construções da cultura política de nosso tempo, o imaginário produzido no Brasil centrado no anticomunismo ocupa um lugar destacado”⁷. Rodrigo Mota⁸ elegeu três principais matrizes ideológicas de organização anticomunista no Brasil: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo.

No caso do catolicismo vários estudos buscaram analisar os ideais anticomunistas, em suas diversas vertentes⁹. Por ocasião da comemoração do primeiro centenário da morte de Karl Marx em 1983, a Editora Graal lançou o livro coletivo *Por que Marx?* no qual Henrique Lima Vaz, em seu ensaio *Marx e o cristianismo*, assim expõem a origem da questão:

⁵ A importância desses questionamentos se encontra na observação de que existe um consenso relativo entre vários autores (dentre os quais, Michel Vovelle, Pierre Villar, E.P. Thompson, Perry Anderson, Eric Hobsbawm) de que as questões teóricas seriam pouco discutidas e enfrentadas pelo historiador, e às vezes demasiadamente discutidas por filósofos e cientistas sociais (como Condorcet, Voltaire, Hegel, Marx, Durkheim, Weber, e mais recentemente, L. Althusser, M. Foucault, P. Bourdieu, C. Castoriadis), ocasionando, desse modo, mais uma apropriação de modelos teóricos dos historiadores com os filósofos e cientistas sociais, do que a produção de teorias por parte dos historiadores. Para maiores detalhes consultar: RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001; MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da História. Tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

⁷ GONÇALVES, Marcos. *Para nunca mais esquecer*: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Revista História Hoje on line, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 1-20, 2004, p. 01.

⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.* 2002. p. 15-46.

⁹ Nesta vertente destacam-se, entre outros: RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: EdiUPF, 1998. RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações*: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964. Porto Alegre: UFRGS, Doutorado em História (Tese), 2002. FARIAS, Damião Duque de. *Intolerância política*: a luta católica contra o comunismo na cidade de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial. Revista de História Fronteiras, Campo Grande-MS, v. 8, n. 15, p. 59-72, 2004. FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem*: aspectos da práxis católica no meio operário na cidade de São Paulo (1930-1945). São Paulo-SP: Hucitec, 1998. GONÇALVES, Marcos. *Os arautos da dissolução*: mito, imaginário político e afetividade anticomunista (1941-1947). Curitiba: UFPR, Mestrado em História (Dissertação), 2004.

Marx escreveu pouco sobre a religião porque, para ele, tratava-se de um problema resolvido. A religião como fato social – único aspecto que verdadeiramente o interessava – podia ser inteiramente explicada, seja por meio da categoria antropológica da ‘alienação’, seja, em definitivo, por meio da categoria epistemológica de ‘ideologia’. Para Marx o que restava da religião e, em particular, do Cristianismo, eram práticas socialmente mortas e metáforas e comparações ligadas à tradição da cultura literária do Ocidente [...].¹⁰

Por sua vez, Ivan Aparecido Manoel avança nessa questão demonstrando como a Igreja Católica, em suas encíclicas, reage às críticas de Marx e ao marxismo¹¹. Todavia, não foi somente da Igreja Católica que partiram tais críticas. Outros grupos religiosos também se manifestaram a respeito desse tema, como, por exemplo, os evangélicos¹². Com base nestas considerações, este estudo se centra na igreja Assembléia de Deus Ministério Missão de Belém por se tratar de uma instituição evangélica e que está filiada a um grupo dos pentecostais¹³, que nas últimas décadas tem conquistado visibilidade pública, legitimação e tem aprofundado suas raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade.¹⁴

II

A Assembléia de Deus foi fundada no Brasil por dois missionários suecos vindos dos EUA, que aportaram em Belém, capital do Estado do Pará, em 19 de novembro de 1910: Daniel Högberg (que ficou conhecido no Brasil por Daniel Berg) e Gunnar Adolf Vingren. Após sua fundação, teve essa igreja um rápido

¹⁰ LIMA VAZ, H. C. Marx e o Cristianismo. In: KONDER, L; CERQUEIRA FILHO, G; FIGUEIREDO, E. L. (org.) *Por que Marx?* São Paulo: Graal, 1983, p. 134.

¹¹ MANOEL, I. A. No centenário da Rerum Novarum: a doutrina católica sobre o capitalismo. *Revista da SPBH*, Curitiba, v. 7, 1992, p. 23-32.

¹² É importante destacar que o termo evangélico diz respeito ao grupo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas e descendentes da Reforma Protestante. CAMPOS, J.R, Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. Editora Ática: São Paulo, 1995. p. 21.

¹³ Há uma subdivisão entre as instituições evangélicas: de um lado as igrejas chamadas de “protestantes históricas” (Luterana, Metodista, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana e Batista), de outro as “pentecostais” (Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é amor, Universal do Reino de Deus etc.). Estas se diferenciam daquelas por pregarem baseadas em *Joel 2:38 e Atos 2* encetando os dons de língua (glossolalia) cura, discernimentos de espírito e profecias. CAMPOS, J.R, Luís de Castro. *Op. cit.* 1995. p. 21.

¹⁴ MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001. SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira” In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. RJ: Vozes. 1994. MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo.

desenvolvimento, sendo que na década de 1950, já estava presente em todos os estados brasileiros.¹⁵

A Igreja Assembléia de Deus se enquadra no conceito de “religião instituída”, porque atingiu grande organização na sua construção dogmática, mantendo fortes marcos doutrinários e identitários. Realiza desde 1930 encontros bianuais chamados de Convenção Geral das Igrejas Assembléias de Deus no Brasil, onde são discutidos diversos assuntos relacionados à organização, às doutrinas e às estratégias da igreja¹⁶, e mantém, até mesmo, uma editora própria (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) para publicação de uma variedade de material impresso.¹⁷ Em suma, possui uma “elite intelectual” dinâmica, formadora de alternativas frente aos desgastes sofridos pelos dogmas no tempo, e está sempre pronta a discutir variados assuntos sócio-políticos que permeiam a sociedade¹⁸. Movimentos políticos, (partidos, formas de governo, o Estado, movimentos sociais, direitos civis, etc.) e variados aspectos culturais estão na agenda de discussões desta igreja.

A Escola Dominical é estrategicamente importante no direcionamento do olhar dos membros sobre os principais acontecimentos, na discussão das balizas doutrinárias e na manutenção da identidade assembleiana. As palavras de Antonio Gilberto¹⁹, importante nome da Divisão de Educação Cristã, dimensionam o valor dado a estes encontros dominicais pela liderança assembleiana:

A Escola Dominical é a escola do ensino bíblico [...] ela não é parte da Igreja, é a própria Igreja ministrando ensino bíblico metódico. A Escola Dominical é um ministério para alcançar crianças, jovens, adultos, a família e a comunidade inteira [...] ela é a única escola de

¹⁵ OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado*. Rio de Janeiro, CPAD, 1997; CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 4.º edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

¹⁶ DANIEL, Silas. Et al. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

¹⁷ FRESTON, Paul. *Breve História do Pentecostalismo Brasileiro*, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. RJ: Vozes. 1994.

¹⁸ Como observa Antonio Mendonça a “religião instituída” é aquela que atingiu o máximo em sua construção dogmática, considerando que esta religião formou poderosa elite intelectual capaz não somente de sustentar seus símbolos, mas também de oferecer alternativa quando esses símbolos são contestados. MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Revista Estudos Avançados*. V.18. N.º 52. São Paulo: 2004, p. 41.

¹⁹ Antonio Gilberto, nascido em 1930, professor com formação em pedagogia figura entre os mais importantes nomes nas articulações doutrinárias da igreja e figura central na articulação da Escola Dominical. Gilberto foi membro da Junta Diretora da University Global, em Springfield, Missouri (EUA), Consultor Doutrinário/Teológico da CPAD e articulista de várias publicações desta editora. SILVA, Antonio Gilberto da. *A escola Dominical. A história da mais importante Instituição de Estudo Bíblico e a sua importância para o povo de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

educação religiosa popular de que a Igreja dispõe. A Escola Dominical, funcionando devidamente, é o povo do Senhor, no dia do Senhor, estudando a Palavra do Senhor na casa do Senhor.²⁰

A primeira reunião da escola Bíblica Dominical ocorreu em 1911, dois meses após a fundação das Assembléias de Deus, na casa de José Batista Carvalho, na Av. São Jerônimo, em Belém, PA. Todavia, devido as limitações financeiras, apenas em 1920 foi possível pôr em circulação um impresso para atender as escolas dominicais. Tratava-se de um suplemento do Jornal Boa Somente, que foi denominado de Estudos Dominicaes. A criação de um impresso autônomo, estritamente formulado para atender o crescente público das escolas dominicais ocorreu em 1930, com o lançamento da revista Lições Bíblicas, para jovens e adultos.²¹

Em 1974, quando a CPAD já estava consolidada como editora evangélica, foi criado o Departamento de Escola Dominical, sob a chefia do pastor e professor Antonio Gilberto²². A partir desse ano uma série de mudanças organizacionais seriam implementadas pelo recém-criado Departamento, com destaque à formação dos professores, à reorganização das estruturas de funcionamento das escolas dominicais e à atualização da revista Lições Bíblicas.

Nesse mesmo ano foi realizado, sob a direção de Antônio Gilberto, o primeiro CAPED (Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical) na Assembléia de Deus de São Cristóvão, RJ, sendo que ao mesmo pastor coube a tarefa de escrever um livro para ser utilizado neste curso de aperfeiçoamento. Por conter as principais diretrizes do novo modelo de escola dominical o Manual da Escola Dominical, como foi intitulado, se tornou um dos livros mais vendidos no período pela CPAD.²³

As propostas do manual, extremamente inovadoras na época de seu lançamento, buscavam dar uma nova configuração a Escola Dominical. Além dos estudos teológicos

²⁰SILVA, Antonio Gilberto. *Manual da escola bíblica dominical*. Um curso de treinamento para professores iniciantes e atualização de professores veteranos da Escola Dominical. 5ª edição. Rio de Janeiro: CPAD, 1981, p. 108.

²¹ BRUNNER, Flávia Silva Cruz. *Pedagogia Pentecostal: Quando a Igreja age em espaços que o poder público ignora - O caso da escola dominical das Assembléias de Deus Ministério Belém na zona urbana de Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) UNESP/ P. Prudente. p. 35-36.

²² BRUNNER, Flávia Silva Cruz. *Op, cit.* 2004, p. 35-36.

²³ Segundo consta na folha de rosto da quinta edição do *Manual da Escola Dominical* as tiragens do impresso foram: 1ª edição (1974) 3000 exemplares; 2ª edição (1975) 5000 exemplares; 3ª edição (1976); 4ª edição (1977) 10.000 exemplares; 5ª edição (1981) 10000 exemplares. (SILVA, 1981 – folha de rosto).

e de psicologia educacional, várias propostas organizacionais e de ensino-aprendizagem foram apresentadas, com destaque para as seguintes medidas: criação de diretorias de Escola Dominical em todas as igrejas, disposição de prédio, mobiliário e material didático adequado, novos critérios de seleção de professores, divisão das classes por faixa etária e implantação de sistema de matrícula e transferência.²⁴ Foi selecionado também um currículo, com temas que seriam distribuídos em trimestres, abrangendo os seguintes temas:

- 1) doutrinas básicas da fé cristã
- 2) vida cristã,
- 3) verdades pentecostais
- 4) a bíblia,
- 5) a igreja
- 6) o povo de Israel
- 7) a família/o lar
- 8) o tabernáculo e suas instituições
- 9) doutrinas falsas/falsos profetas
- 10) eventos futuros
- 11) o ministério local e geral
- 12) o crente e o Estado/ a nação
- 14) o homem e Deus
- 15) as missões e as obras sociais
- 16) o crente e o mundo
- 17) biografias bíblicas
- 18) a vida de cristo
- 19) o Espírito Santo
- 20) a mocidade cristã
- 21) reis e profetas
- 22) a bíblia e a ciência
- 23) ética cristã
- 24) as parábolas dos evangelhos
- 25) os milagres de Jesus
- 26) a igreja local
- 27) a mordomia cristã
- 28) os apóstolos e suas epístolas.²⁵

Essas mudanças afetaram diretamente a revista *Lições Bíblicas* que teria de se adequar aos tópicos do novo currículo. No entanto, esta adequação não foi imediata, pois as propostas do Departamento de Educação, que foram lançadas no ano de 1974, apenas no início de 1980 alcançaram plenamente o impresso. Na revista *Lições Bíblicas* do segundo trimestre de 1980 uma nota de esclarecimento indicava que um projeto de lançamento de novas revistas estava em andamento, com previsão de efetivação no término do ano.²⁶ Na revista do quarto trimestre desse mesmo ano um anúncio na contracapa aludia: “as novas revistas da escola dominical estão chegando”²⁷.

Em linhas gerais a revista *Lições Bíblicas* manteve o padrão tradicional. Continuou a ser publicada trimestralmente, manteve o tamanho (20 por 12 cm) e a divisão por capítulos (chamado de lição), variando conforme o número de domingos do trimestre. Foi conservada a divisão dos tópicos em verdade prática, texto áureo²⁸, leitura

²⁴ SILVA, Antonio Gilberto. *Op, cit.* 1981. p. 15-77.

²⁵ SILVA, Antonio Gilberto. *Op, cit.* 1981. p. 179-180.

²⁶ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 3º trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. p. 58.

²⁷ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 4º trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. (contracapa).

²⁸ Vale ressaltar a forma tradicional de leitura dos tópicos *texto áureo* e *verdade prática* nas escolas dominicais assembleianas. Todas as salas são reunidas para ato de término da escola bíblica, onde são apresentadas pelo secretário as estatísticas da reunião (presença de alunos, número de lições, de bíblias, ofertas, etc. de cada sala). Por fim o *texto áureo* e a *verdade prática* são lidos pelo professor de forma que permita que os alunos, alfabetizados ou não, possam repetir em uníssono as mensagens dos referidos tópicos. BRUNNER, Flávia Silva Cruz. *Op, cit.* 2004. p. 51.

diária, leitura em classe, comentário e questionários. Gravuras somente na capa e em páginas destinadas a publicidade de materiais diversos da CPAD. A novidade se assentava sobre a revista do professor, que além de trazer os tópicos acima mencionados, contava com os seguintes itens de auxílio ao professor: vocabulário, objetivos da lição, ensinamentos práticos.

Tendo em vista as características e a representatividade deste impresso²⁹ para a igreja Assembléia de Deus, este trabalho se propõe a analisar as representações da liderança assembleiana sobre marxismo, através da revista Lições Bíblicas, entre 1980 e 1990, momento em que este impresso entra numa nova fase editorial e de importantes acontecimentos no cenário nacional e mundial.

Para a instrumentalização teórico-metodológica da referida fonte, optou-se pela noção de representação do historiador francês Roger Chartier³⁰. Para ele, ao trabalhar sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se de uma dependência, demasiado estrita relativa à história social (entendida no sentido clássico), a história cultural “pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ‘ser-apreendido’ constitutivo de sua identidade”³¹.

²⁹ A utilização de jornais e revistas em pesquisas vem ganhando um espaço cada vez maior nos estudos em História. Nessa vertente destacam-se, entre outros: CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. SUZUKI Jr., Matinas. *A maquiagem do mundo*. Primeira página. Folha de S. Paulo. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1985. ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição: jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945 – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. CRUZ, Heloísa de Faria (org.). *São Paulo em revista*. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana – 1870-1930. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. Se na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que utilizavam jornais e revistas como fonte para o conhecimento de História do Brasil, nas décadas seguintes (palco de aberturas teóricas e metodológicas com os estudos em História Cultural), as publicações periódicas passaram a atrair a atenção de pesquisadores interessados no conhecimento e na avaliação intelectual de determinados períodos da História. Por suas características próprias, as publicações seqüenciais podem proporcionar ao pesquisador possibilidade de vislumbrar quais seriam os temas de interesse em uma época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores, quem eram seus leitores. DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

³⁰ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados* Jan./Abr. 1991, vol.5, nº11, p. 173-191.

³¹ CHARTIER, Roger. *Op. cit.* 1988. p. 26.

Karina Kosicki Bellotti, ao analisar as contribuições de Chartier aos pesquisadores ocupados, especificamente, com o estudo da mídia evangélica, destacou três elementos que comporiam o conceito de representação. Exemplifica a autora:

1) A construção da realidade pelos grupos sociais por meio de classificações e recortes. Por exemplo, podemos aplicar essa conceituação no nosso trabalho com mídia evangélica: "nós, os evangélicos, 'a luz do mundo e o sal da terra'" vs. "os outros, pagãos, infiéis, que precisam conhecer o caminho certo"; 2) As *práticas* que legitimam a identidade social – continuando com o exemplo evangélico (que não está presente em Chartier): para muitos evangélicos, certas práticas são fundamentais para reforçar sua identidade perante um grupo – frequentar a igreja, matricular os filhos na Escola Dominical, participar de eventos comunitários, marchas, shows *gospel*; 3) As instituições que zelam pela continuidade da identidade social – continuando no caso evangélico, essa instituição é não somente a igreja ao qual os fiéis pertencem, mas também escolas confessionais, e mesmo pessoas da membraia, como líderes comunitários, de juventude, da Associação de Mulheres, etc.³²

Assim, este trabalho visa analisar como a Igreja Assembléia de Deus, através da divisão de educação (instituição, grupo) constrói (“forja³³”) uma realidade através de classificações e recortes (imposição de uma autoridade à custa de outros³⁴ - neste caso “nós” assembleianos que somos de Deus versus “vocês” os marxistas ateístas diabólicos) por meio de práticas culturais (imprensa escrita - lições bíblicas, uma vez que para Roger Chartier, todo o material impresso deve ser entendido como uma prática cultural)³⁵ e a representa, redimensionando-a conforme seus interesses particulares.

IV

A primeira metade dos anos de 1980 foi marcada por grandes transformações no quadro sócio-político mundial.³⁶ O desgaste causado por décadas de tensão pela chamada Guerra Fria e as contradições que dificultavam a manutenção do regime socialista alcançaram o ápice, dando início a uma série de acontecimentos que

³² BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, Religião e História Cultural. *Rever* (PUCSP), v. 4, p. 96-115, 2005. p. 103-104.

³³ CHARTIER, Roger. *Op, cit.* 1988. p. 17.

³⁴ CHARTIER, Roger. *Op, cit.* 1988. p. 17.

³⁵ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 78.

³⁶ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *A Grande Crise – A nova (des)ordem internacional dos anos 80 aos 90*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992. VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *História do Século XX*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 2000.

culminariam na queda do muro de Berlim, em 09 de novembro de 1989, símbolo do colapso socialista no leste europeu. Sobre esse momento, Eric Hobsbawm afirmou: “tanto comunistas como sociais democratas descobriram nos anos 70 e 80 que não podiam simplesmente seguir as políticas que eles haviam mais ou menos improvisado ou adaptado após a Primeira Guerra Mundial, por não terem jamais pensado seriamente sobre elas”³⁷. Segundo Hobsbawm, esse momento foi de grande inflexão, uma vez que depois do regime socialista ter experimentado um impressionante período de sucesso, na década de 1980 este sucesso dava prova de sua falência e levava os socialistas pela primeira vez, a pensar sobre o socialismo.³⁸

Foram tempos de pressão sobre a Alemanha Oriental, os movimentos anticomunistas ganharam corpo, alinhando-se às mais diversas mídias que propagandeavam a falência do modelo econômico socialista, com críticas que iam desde o atraso tecnológico até o abuso de poder praticado por aqueles governos.

No Brasil, que desde o início do século XX já cultivava um imaginário anticomunista, esse momento de contestação do socialismo só fez acentuar ainda mais a ojeriza de diferentes seguimentos da sociedade brasileira ao socialismo. Ademais, em 1984, a campanha das Diretas Já mobilizou milhares de pessoas nas ruas e praças em oposição à ditadura militar, permitindo a formação da Assembléia Nacional Constituinte. A partir desse momento tiveram início as discussões que levariam à nova Constituição de 1988, e nela se abrigaram leis que garantiriam total liberdade de expressão política e partidária³⁹.

É no contexto acima mencionado, que as críticas ao marxismo e aos governos comunistas apareceram na revista Lições Bíblicas. Enquadrando-se no nono item da grade curricular (doutrinas falsas/falsos profetas) e embalada pelo novo quadro político brasileiro, novos temas ganhariam as páginas da revista. Como foi o caso da revista Lições Bíblicas do primeiro trimestre de 1986, que tratava dos seguintes assuntos: modernismo teológico, evolucionismo, catolicismo romano, espiritismo, russelismo,

³⁷ HOBSBAWM, Eric. Renascendo das Cinzas. In: BLACKBURN, Robin. (org). *Depois da Queda: O Fracasso do Comunismo e o Futuro do Socialismo*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993, p. 261/262.

³⁸ HOBSBAWM, Eric. *Op, cit.* 1993.

³⁹ RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: o grito preso na garganta*. São Paulo Editora: Fundação Perseu Abramo, 2003.

mormismo, adventismo, teosofismo e o marxismo, tratado na lição de número 12 - O marxismo ateu e materialista – que fora estudada no domingo de 23 de março de 1986.⁴⁰

De início, o tópico verdade prática trouxe estampada uma inscrição explicativa, com confirmação categórica sobre as ligações do marxismo com o governo do Anticristo, a se levantar após o arrebatamento da igreja na segunda vinda de Jesus: “O marxismo ateu e materialista se constitui num movimento precursor do governo do Anticristo, a estabelecer-se no mundo após o arrebatamento da igreja.”⁴¹

O Texto Áureo, buscando reforçar a existência de um Deus criador, evocou no Gênesis capítulo 1, versículo um, que: “No princípio Deus criou o céu e a terra”⁴². Logo foi apresentada uma lista de sugestão para leitura diária durante a semana, com tópicos e respectivas referências bíblicas. O conjunto de leituras recomendados remetiam a trechos bíblicos que refutavam os principais pressupostos do marxismo. Contra o ateísmo marxista, indicava-se na segunda-feira a seguinte leitura: “Há um Deus Criador e Eterno” (Nemias 9. 5,6; e Salmos 90.2); e para a terça-feira “O ateu é um louco” (Salmo 53.1-4). Contestando a possibilidade de uma sociedade justa e promotora da liberdade do homem no socialismo, na quarta-feira ler-se-ia: “Somente Deus poderá garantir-nos a felicidade” (Apocalipse 31. 3-4). O caráter revolucionário do marxismo seria rebatido na quinta-feira com os trechos: “O cristão respeita as instituições, é modesto e manso” (Tito 3.1,2). Na sexta-feira “A nossa força é do Espírito Santo” (Zacarias 4.66; Êxodo 15.2), e no sábado “A conduta do cristão deve ser exemplar” (I Pedro 2.11-15)⁴³.

O vocabulário da revista do professor trouxe explicações – à guisa de dicionário – sobre termos como: proletariado, capitalismo, determinismo econômico, materialismo, comunismo e, até mesmo, ateísmo. Para os organizadores da revista, Proletário era “o mesmo que classe operária”. Já o Capitalismo, incluía “os ricos, os comerciantes, os magnatas, o sistema democrático, as religiões e as igrejas” e também poderia ser chamado de (sistema econômico organizado pela) burguesia. Por determinismo econômico, entendia-se a filosofia que ensinava que “o que somos, e pensamos, sentimos [era] condicionado pelo sistema econômico”, enquanto o Materialismo era o “sistema filosófico que ensinava que tudo era matéria e nada existia

⁴⁰ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

⁴¹ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

⁴² *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

⁴³ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

além da matéria”. O Ateísmo era apresentado como um “sistema filosófico de negação à existência de Deus”, sendo que por Comunismo entendia-se o “sistema social, político e econômico desenvolvido teoricamente por Karl Marx, e proposto pelos partidos comunistas como etapa posterior ao capitalismo”.⁴⁴

Na coluna Recursos Educacionais, da revista do professor, havia determinações a serem seguidas pelo docente da Escola Dominical. As recomendações demonstravam o medo que a liderança assembleiana nutria do “comunismo” alcançar o Brasil. Recomendava-se que o professor comentasse enfaticamente os pontos de reprovação bíblica às doutrinas comunistas, indicando as referências bíblicas. O docente deveria, ainda, mostrar no Mapa-Múndi os países que estavam sob o domínio do comunismo e, logo em seguida, convidar a classe a fazer uma oração em favor dos crentes que estavam nos países comunistas. Conforme os organizadores da revista, os professores deveriam levar cada aluno a se conscientizar da responsabilidade de orar em favor do Brasil e seus governantes, para que Deus livrasse o país de cair sob tal domínio.⁴⁵

A representação do marxismo, na revista *Lições Bíblicas*, como movimento ligado ao satanismo, explicita-se em duas frentes principais: ligação de Karl Marx ao satanismo e o pacto dos movimentos políticos e religiosos simpatizantes do marxismo com o diabo, sendo prestadores de serviço “às forças das trevas”. A principal fonte utilizada pelo comentarista da revista Raimundo Oliveira Ferreira⁴⁶ foi o livro *Era Karl Marx um satanista?*⁴⁷, de autoria de Richard Wurmbrand, pastor romeno prisioneiro do regime socialista russo por quatorze anos, e autor de vários livros sobre o assunto. Richard Wurmbrand era um autor de prestígio internacional no meio pentecostal, por se dedicar ao ataque aos regimes socialistas, e teve seus livros traduzidos em várias línguas. No Brasil, conforme indica o encarte publicitário *Boa Semente*⁴⁸ de 1981, desse

⁴⁴ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. Revista do Mestre. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 85.

⁴⁵ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. Revista do Mestre. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 85.

⁴⁶ Raimundo Ferreira de Oliveira, pastor, articulista, autor de inúmeros livros de cunho doutrinários, e foi importante nome no rol de intelectuais assembleianos e também da Divisão de Escola Dominical.

⁴⁷ WUMBRAND, Richard. *Era Karl Marx um Satanista?* Rio de Janeiro: Voz dos Mártires, 1980.

⁴⁸ *Boa semente*. Catálogo da Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD) 1981. Encarte especial da revista *Lições Bíblicas*. 4º trim. 1981. Rio de Janeiro: CPAD. 1981, p. 11.

mesmo autor a CPAD publicou *Cristo em cadeias comunistas*⁴⁹, livro este que já aparecia como sugestão de leitura na revista do terceiro trimestre de 1981.⁵⁰

Por sua vez, a revista apresentou os primórdios do marxismo, voltando-se a vida de Karl Marx (1818-1883). O filósofo foi apresentado como um cristão que se desviou do bom caminho, já que seus pais eram judeus convertidos e ele fora batizado em uma igreja protestante na Alemanha. O comentarista da lição Raimundo Ferreira de Oliveira aventou a possibilidade de o próprio Marx ter se envolvido em cultos satânicos: “Mas o que aconteceu na vida de Karl Marx, que da noite para o dia transformou-se num declarado inimigo de Deus e do cristianismo?”⁵¹. Para o comentarista a ligação de Marx aos cultos diabólicos seria a causa mais plausível para que um garoto protestante passasse a declarar guerra contra Deus.

Se as raízes dos ideais de Karl Marx estavam ligadas ao satanismo, com os seus seguidores não seria diferente. A começar pelos “tolos úteis” dos interesses do marxismo: os teólogos da Libertação.⁵² O comentarista destacou que um terço do mundo era comunista (referindo-se aos países ligados ao bloco do Leste Europeu) e que dentre estes estavam os pseudo-crentes, que mesmo acreditando na existência de Deus, não tinham a experiência genuína e sobrenatural da conversão e nem orientação bíblica de base. Por isso, caíam vítimas das doutrinas infames do marxismo ateu e materialista: “É aqui que se enquadram os teólogos da Libertação como “tolos úteis”, a serviço dos interesses do marxismo”.⁵³

Raimundo Ferreira de Oliveira enfatizou a atuação de demônios no movimento da Teologia da Libertação, com o seguinte alerta: “precisamos saber que por trás de tudo isso está o maligno e suas hostes”⁵⁴. A tese de que satã estaria atuando nos movimentos simpatizantes do Marxismo foi reforçada, com o exemplo do Teólogo Liberal Bruno Bauer. Utilizando como referência uma carta de Bauer a Arnould Ruge, presente no livro do pastor Wurmbrand, Ferreira buscou demonstrar que desde o princípio o marxismo tinha encontrado fiéis aliados nos teólogos modernistas e libe-

⁴⁹ WURMBRAND, Richard. *Cristo em cadeias comunistas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

⁵⁰ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 3º trim. 1981. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 85.

⁵¹ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 86.

⁵² Sobre as ligações da Teologia da Libertação com o marxismo ver: LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991. LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses – religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁵³ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 86.

⁵⁴ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 86.

rais.⁵⁵ Bauer foi apresentado como amigo de Marx e principal responsável por Engels se tornar um ateu materialista, já que foi ao ler um livro de Bauer, que Engels passou a duvidar dos escritos Bíblicos. No trecho citado da carta, Bauer dizia:

De qualquer modo, é um demônio muito cruel que se apossa de mim, sempre que subo ao púlpito, e eu sou forçado a render-me a ele [referindo-se as conferências realizadas na Universidade em que Bauer lecionava, segundo suas próprias palavras, como “professor ateísta” mesmo com a proibição deste tipo de aula].⁵⁶

A carta é citada em confirmação da possessão demoníaca de Bauer, um intelectual “que contribuiu de forma decisiva na destruição da fé cristã de Engels e que apoiou Marx em seus intentos anticristãos”⁵⁷.

Por fim, ao citar um caso de fuzilamento envolvendo um pregador pentecostal russo, Raimundo Ferreira de Oliveira buscou evidenciar de maneira categórica as imbricações do marxismo com as forças malignas do inferno:

De que o marxismo e o comunismo estão a serviço do príncipe das trevas, parece não haver dúvida, diante de incidentes como os que se seguem. Os pentecostais russos contam um caso que aconteceu no seu país durante a Segunda Guerra Mundial. Um de seus pregadores expulsara um demônio, o qual lançou uma ameaça enquanto deixava o possesso. “Eu me vingarei”. Anos depois, aquele pregador pentecostal que expulsara o demônio foi fuzilado por sua fé. O oficial que o executou disse, momento antes de atirar: “Agora estamos quites.” Há alguma dúvida de que os marxistas decididos a destruir a Igreja sejam ou não possuídos pelo poder das trevas?⁵⁸

A citação deixa claro o fato de o demônio ter possuído o soldado “comunista” no ato da vingança, agindo sobre o executor pelo viés da própria possessão. Em outras palavras, os comunistas não só agiam em favor do ‘reino das trevas’, como estavam possessos pelos ‘demônios’.

V

A “satanização” do marxismo e seus simpatizantes por parte da liderança assembleiana teve inúmeras motivações. Primeiro, a própria biografia de Karl Marx, com suas assertivas pouco simpáticas à religião, as quais a revista respondia afirmando

⁵⁵ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 86.

⁵⁶ Carta de Bauer a Arnould Ruge. Apud: *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 86.

⁵⁷ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 86.

⁵⁸ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 88-89.

que “o ateu é um louco (Ap.21.3,4)”⁵⁹. Era igualmente desagradável idéia de “revolução” tão presente no marxismo. Conforme a revista “o homem não pode[ria] operar sua transformação; só Deus e[ra] capaz de fazê-lo (At 4.12; 1 Tm 2.5; Is 45.21,22; 1 Co 3.11)”⁶⁰. A luta por menor desigualdade social também não era bem vista pelos líderes da igreja, uma vez que “a abundância na vida material não [era] a solução para os problemas da humanidade (Mt 4.4; Tc 12.15-21; Pv 10.2; Mt 16.26; Ez 7.19)”⁶¹. Também a preocupação exagerada com a pobreza ia contra as escrituras sagradas, pois “a maior parte da humanidade enfrenta[va] dificuldades materiais, mas Deus não despreza[va] os pobres”. Na opinião dos articulista, conforme as escrituras santas “na terra sempre haverá pobres (Dt 15.11; Jo 12.8; SI 22.24-26)”⁶². Do mesmo modo, a extrema preocupação com a vida terrena presente nas teorias marxistas não levavam em consideração que “a causa de toda maldade na terra não era o sistema econômico; era o pecado (Rm 3.18-23; 1 Jo 3.4; 5.17; Is 59.1,2; Tg 1.14,15)”⁶³.

Havia também o temor de que com a redemocratização, partidos políticos (ligados a ideais marxistas), que operavam até então na ilegalidade conseguissem eleger candidatos, conforme se pode perceber na frase do comentarista Raimundo F. de Oliveira: “particularmente quanto ao cristão, surgem as seguintes questões diante desta nova realidade política: Como o cristão deve agir diante deste novo quadro político? Deve o cristão oferecer apoio a partidos políticos comprometidos com os antibíblicos princípios e idealismo marxistas?”⁶⁴.

Por fim, mostra-se importante ressaltar as ligações da igreja Assembléia de Deus do Brasil com a Assembléia de Deus dos Estados Unidos. Ao contrário do que se tende a cogitar, os fundadores Vingren e Berg não vieram ao Brasil em missão pela Igreja Assembléia de Deus norte-americana, e não receberam nenhum apoio institucional, sendo que até mesmo o dinheiro de suas passagens foi fruto de doação de uma pequena igreja sueca de Chicago.⁶⁵ No Brasil, estes missionários foram recebidos por um pastor Batista e passaram a congregar nesta igreja. Todavia, divergências doutrinárias fizeram com que ambos fossem expulsos da igreja Batista de Belém do Pará no ano de 1910, e

⁵⁹ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 89.

⁶⁰ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 89

⁶¹ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 89

⁶² *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 89

⁶³ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 89

⁶⁴ *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 88

⁶⁵ VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

juntamente com dezenove membros que os acompanharam, fundassem a igreja “Missão da Fé Apostólica”, que viria a se chamar em 1914, de Igreja Evangélica Assembléia de Deus, que mesmo sendo homônima da Assembléia de Deus dos EUA, não tinha qualquer ligação institucional com esta.

Entretanto, o seu rápido desenvolvimento no Brasil e em países vizinhos fez⁶⁶ com que o laço de relacionamento se estreitasse com a Assembléia de Deus norte-americana, sendo comum a vinda de pastores norte-americanos para participarem de reuniões da Assembléia de Deus no Brasil, como é o caso do pastor Loren Triplett, que era então diretor do Departamento de Missões das Assembléias de Deus dos EUA para a América do Sul e Antilhas⁶⁷, e do pastor e Billy Graham.⁶⁸ Estando os EUA em evidência no combate ao socialismo soviético, a Assembléia de Deus no Brasil, bem-relacionada com sua co-irmã norte-americana, compartilhou muitas das críticas fortemente veiculadas pelo governo estadunidense, principalmente, a questão da liberdade religiosa.

Deste modo, observa-se que a “elite intelectual” assembleiana, através da Divisão de Escola Dominical, não só esteve atenta aos principais acontecimentos sócio-políticos do Brasil e do mundo, como também buscou formas de normatizar o posicionamento de seus milhares de fiéis. Uma “elite” preocupada com a manutenção da unidade e identidade da instituição, não só no âmbito dos usos e costumes (como geralmente é enfatizado), mas também na preparação dos membros para as mudanças culturais, política e sociais. E, quanto a esse aspecto, o ponto principal foi justamente o de se mostrar contrária a Marx e ao marxismo, a teologia da libertação e aos partidos políticos de esquerda.

⁶⁶ Na década de 1940 a igreja Assembléia de Deus já havia alcançado vários países da América do Sul, sendo que no ano de 1941 foi realizada na Assembléia de Deus de Porto Alegre a primeira semana bíblica das Assembléias de Deus com caráter internacional, reunindo as igrejas Assembléias de Deus dos países sul-americanos. DANIEL, Silas. Et al. *Op, cit*, 2004, p. 169.

⁶⁷ DANIEL, Silas. Et al. *Op, cit*, 2004, p. 466.

⁶⁸ DANIEL, Silas. Et al. *Op, cit*, 2004, p. 440.

Referências

ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição: jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945 – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, Religião e História Cultural. *Rever* (PUCSP), v. 4, p. 96-115, 2005. p. 103-104.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

Boa semente. Catálogo da Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD) 1981.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Edunesp, 1997.

_____. *Direita e esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira – 2 edição revista e ampliada – São Paulo: Edunesp, 2001.

BRUNNER, Flávia Silva Cruz. *Pedagogia Pentecostal: Quando a Igreja age em espaços que o poder público ignora - O caso da escola dominical das Assembléias de Deus Ministério Belém na zona urbana de Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) UNESP/ P. Prudente, p. 35-36.

CAMPOS, J.R, Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. Editora Ática: São Paulo, 1995. p. 21.

Carta de Bauer a Arnould Ruge. Apud: *Lições Bíblicas Jovens e Adultos*. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 86.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados* Jan./Abr. 1991, vol.5, nº11, p. 173-191.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 78.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 4º edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CRUZ, Heloísa de Faria (org.). *São Paulo em revista*. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana – 1870-1930. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DANIEL, Silas. Et al. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

Encarte especial da revista *Lições Bíblicas*. 4º trim. 1981. Rio de Janeiro: CPAD. 1981. p. 11.

FARIAS, Damião Duque de. *Intolerância política: a luta católica contra o comunismo na cidade de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial*. Revista de História Fronteiras, Campo Grande-MS, v. 8, n. 15, p. 59-72, 2004.

_____. *Em defesa da ordem: aspectos da práxis católica no meio operário na cidade de São Paulo (1930-1945)*. São Paulo-SP: Hucitec, 1998.

FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Tradução de Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. *História depois do fim da História*. Tradução de Antônio Penalves Rocha. Bauru: Edusc, 1998.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. RJ: Vozes. 1994.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GONÇALVES, Marcos. *Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro*. Revista História Hoje on line, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 1-20, 2004. p. 01.

_____. *Os arautos da dissolução: mito, imaginário político e afetividade anticomunista (1941-1947)*. Curitiba: UFPR, Mestrado em História (Dissertação), 2004.

HOBBSAWM, Eric. Renascendo das Cinzas. In: BLACKBURN, Robin. (org). *Depois da Queda: O Fracasso do Comunismo e o Futuro do Socialismo*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993, p. 261/262.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 3º trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. p. 58.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 4º trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. (contracapa).

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 84.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. Revista do Mestre. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 85.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. Revista do Mestre. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 85.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 3º trim. 1981. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 85.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 86.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 86.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 86.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 86.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 86.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 88-89.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 89.

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 89

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 89

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 89

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 89

Lições Bíblicas Jovens e Adultos. 1º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986. p. 88

LIMA VAZ, H. C. Marx e o Cristianismo. In: KONDER, L; CERQUEIRA FILHO, G; FIGUEIREDO, E. L. (org.) *Por que Marx?* São Paulo: Graal, 1983, p. 134.

LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991. LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses – religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da História. Tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

_____. No centenário da Rerum Novarum: a doutrina católica sobre o capitalismo. *Revista da SPBH*, Curitiba, v. 7, 1992, p. 23-32.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Revista Estudos Avançados*. V.18. Nº 52. São Paulo: 2004. p. 41.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado*. Rio de Janeiro, CPAD, 1997.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: EdiUPF, 1998.

_____. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Porto Alegre: UFRGS, Doutorado em História (Tese), 2002.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira” In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. RJ: Vozes. 1994.

SILVA, Antonio Gilberto da. *A escola Dominical*. A história da mais importante Instituição de Estudo Bíblico e a sua importância para o povo de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

_____. *Manual da escola bíblica dominical*. Um curso de treinamento para professores iniciantes e atualização de professores veteranos da Escola Dominical. 5ª edição. Rio de Janeiro: CPAD, 1981. p. 108.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: o grito preso na garganta*. São Paulo Editora: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SOUZA, M. G. *Ilustração e História*. O pensamento sobre a história no Iluminismo Francês. SP: discurso Editorial, 2001; KOSELLECK, R. *Crítica e crise: contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto; Eduerj, 1999.

SUZUKI Jr., Matinas. *A maquiagem do mundo*. Primeira página. Folha de S. Paulo. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1985.

VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *A Grande Crise – A nova (des)ordem internacional dos anos 80 aos 90*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992. VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *História do Século XX*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 2000.

WUMBRAND, Richard. *Era Karl Marx um Satanista?* Rio de Janeiro: Voz dos Mártires, 1980.

_____. *Cristo em cadeias comunistas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.